

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL**

JAQUELINE MENDONÇA BORGES

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE PÓS-ABOLIÇÃO

CURITIBA

2019

JAQUELINE MENDONÇA BORGES

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE PÓS-ABOLIÇÃO

Monografia de conclusão do curso de Especialização em Literatura Brasileira e história Nacional, do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Orientadora: Profa. Dra. Maurini de Souza

CURITIBA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE PÓS-ABOLIÇÃO

por

JAUQUELINE MENDONÇA BORGES

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 12 de dezembro de 2019.

Profa. Dra. Maurini de Souza
Prof.(a) Orientador(a)

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Membro titular

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida
Membro titular

O TERMO DE APROVAÇÃO ASSINADO ENCONTRA-SE NA COORDENAÇÃO DO CURSO

Dedico este trabalho aos meus familiares, professores e amigos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado força e sabedoria para não desistir. À orientadora e Professora Maurini, que me incentivou bastante. Ao Professor Marcelo de Lima, por disponibilizar seu tempo e dedicação para me orientar e tirar minhas dúvidas quando mais precisei, e também pela compreensão durante a revisão deste trabalho. Ao meu esposo, Ludgero, pela paciência e cuidado com nosso filho Heitor, que ainda é um bebê, para que eu pudesse concluir este trabalho durante as noites. À Silvia, uma grande amiga que veio como presente de Deus, concedido a mim. A minha mãe Regina, que mesmo morando distante, me deu todo apoio e entendeu minha ausência em não ligar aos finais de semana. A minha gratidão é imensa a todos vocês que foram e são tão importantes para mim nesta trajetória, obrigada.

Era bom-saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão. (Lima Barreto)

RESUMO

BORGES, Jaqueline de Mendonça. **Representação do negro na sociedade pós-abolição**. 23f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

Este trabalho tem a finalidade de mostrar como era representado o negro na sociedade brasileira após a Abolição da Escravidão segundo Lima Barreto, em um dos seus romances, “Recordações do escrivo Isaiás Caminha”. Narrado em primeira pessoa, o romance mescla ficção e realidade, descrevendo os vários elementos existentes na sociedade brasileira, tendo como foco a cidade do Rio de Janeiro, lugar para o qual seu personagem Isaiás Caminha mudou-se para estudar. Na obra, o autor buscou transmitir e denunciar aos seus leitores a questão da desigualdade e do preconceito racial e social presentes após a abolição não só no Rio de Janeiro, mas também em todo país que passava por um período de transformações radicais, limitando a presença de negros e mulatos nos diferentes contextos sociais. Ele descreve uma sociedade cheia de mazelas, corrupção e hipocrisia, em que impera a visão preconceituosa explícita quanto à questão racial e social.

Palavras-chaves: Negro; sociedade; representação; preconceito; inserção.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1 PÓS-ABOLIÇÃO	13
3. ANÁLISE DE TEXTOS.....	15
3.1 O SONHO ALMEJADO	Erro! Indicador não definido. 5
3.2 CONTEXTO HISTÓRICO.....	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS.....	21

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns aspectos sociais da história do negro no Brasil durante o período pós-abolição, final do século XIX e início do século XX, com base no romance “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, publicado em 1909, primeiro trabalho literário de Lima Barreto, que teve grande repercussão entre seus leitores.

Na Obra, Barreto lança um olhar crítico sobre a forma preconceituosa com que negros e mestiços eram tratados no Brasil, mesmo depois da Abolição da Escravidão. O autor revela, ainda, as mazelas da sociedade brasileira de sua época, marcada por injustiça, preconceito, desigualdade e pela luta entre as classes sociais. Faz, também, rigorosas críticas aos jornais que circulavam na Capital, Rio de Janeiro, retratando a imprensa opressora, parcial, corrupta e hipócrita existente naquele período.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, em Laranjeiras, bairro do Rio de Janeiro. Neto de escravos, filho de uma professora, o pai trabalhou como tipógrafo até o final dos anos 80. Por ser mestiço, sempre enfrentou muito preconceito, sentindo na pele o que era ser excluído por causa da raça. Ficou órfão de mãe muito cedo, tempos depois, seu pai foi trabalhar como almoxarife em um asilo de loucos que tinha como nome, “Colônia de Alienados”.

Estudou na Escola Politécnica na cidade do Rio de Janeiro, contudo, foi obrigado a abandonar a faculdade de Engenharia para arcar com as despesas da casa quando seu pai adoece e é internado vítima de loucura. Em seguida, foi aprovado em um concurso público, assumindo o cargo de Amanuense na Secretaria da Guerra. Mais tarde, torna-se jornalista e um grande escritor, publicando romances, sátiras, contos e crônicas. Devido ao fato de ser alcoólatra, foi internado por duas vezes num hospício, e diante das sérias complicações decorrentes do vício, acabou falecendo aos 41 anos de idade.

Este breve resumo da trajetória de Lima Barreto mostra como era viver no Brasil no início do século XX, época posterior à Abolição, momento em que a condição do negro na sociedade é vista com desprezo e a liberdade conquistada se mostra bastante debilitada em virtude do forte preconceito racial enraizado, fato este, que se tornou um grande empecilho para sua inserção social.

Através do romance “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, buscaremos analisar como o negro era representado na sociedade brasileira no início do século XX, mais especificamente na região do Rio de Janeiro. Tendo como foco o protagonista da história, Isaías Caminha, um jovem mulato de família humilde, que sempre gostou de estudar e por isso tinha boa reputação como estudante. Aprovado por quatro vezes no Liceu de sua cidade natal ambicionava mais, inclusive tornar-se Doutor. É quando então decide ir para o Rio de Janeiro, cidade grande, cheia de riquezas e incertezas quanto ao futuro, lugar onde não tinha conhecimentos, nem relações protetoras que lhe pudessem valer de alguma coisa. Leva consigo uma carta de recomendação para uma vaga de emprego que lhe provesse sustento e custeasse seus estudos, mas ao chegar na Capital, sua vida passa por uma grande virada. Torna-se vítima de preconceito por causa da sua raça e origem, não consegue o tão almejado emprego, e sem dinheiro, ainda é intimado a comparecer na Delegacia para depor sobre um roubo ocorrido no hotel onde vivia. Ao prestar depoimento, ouve o delegado chama-lo de “mulatinho”, e revoltado com o tratamento que recebera, começa a pensar em todos os acontecimentos que viveu nesta cidade desde que chegou, em como as pessoas são extremamente preconceituosas, principalmente com a cor da pele e no quanto ambicionavam status, posses e etc. Diante disso, ele acaba insultando o delegado de ‘imbecil’ e é preso.

Lima Barreto, que era descendente de escravos, apesar de não ter vivido a escravidão, sentiu na pele o preconceito por ser pobre e negro desde muito cedo e por isso, tornou-se um grande militante da causa. E através da Literatura, de forma detalhada, ele criou diversos personagens fictícios para mostrar o mal que a escravidão causara aos negros e mestiços no Brasil, mesmo após a Abolição. É o que faz ao criar o personagem Isaías Caminha. Através do protagonista de seu Romance, Barreto representa a si mesmo e seu próprio cotidiano de mazelas.

A historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, em seu estudo sobre a vida e obra de Lima Barreto, aborda o assunto da discriminação racial na passagem dos séculos apresentado por ele. Na Obra “Triste Visionário”, a autora menciona como os jornais retratavam o dia a dia dos negros e como os representava nas primeiras décadas depois da Abolição. Segundo ela, nesta

época o que não faltavam eram teorias pra defender o racismo, sendo conhecidas como “deterministas”.

Essas teorias pregavam que:

O branco seria a raça pura, superior, mais inteligente e disposta ao progresso material, enquanto as demais, o negro e o mestiço, sobretudo, seriam raças inferiores, estariam num estágio ainda primitivo de evolução e desenvolvimento mental (SCHWARCZ, 2017).

Dentre as teorias havia ainda as que pregavam sobre fatores relacionados à genética, que geravam mais discriminação sobre a população negra, tais como as que disseminavam a ideia de que certas doenças e a criminalidade estariam ligadas à descendência.

Lilia Schwarcz, ainda aponta que:

Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. Para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão-de-obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania (SCHWARCZ, 2017).

Após a assinatura da Lei Áurea, não houve uma orientação sobre a inclusão dos negros na sociedade, nem de como inseri-los no mercado de trabalho assalariado, e os mesmos continuaram negligenciados e marginalizados. É aí onde surgem as questões: como era o dia a dia dos negros e mestiços? Como foram inseridos na sociedade nas primeiras décadas após a abolição? Quando, de fato, foi abolida de vez a escravidão no Brasil? Questões como essas serão sempre feitas, estudadas e pesquisadas, a fim de obtermos conhecimentos e respostas para assuntos que foram e são de grande relevância para a inserção de negros e mestiços na sociedade nos dias atuais.

Autores como Joaquim Nabuco e Manoel Bonfim, ambos, políticos e focados nas mesmas questões sociais, dedicavam-se a defender causas sobre os temas: abolicionismo, escravidão, igualdade, processo social e mudança. Fizeram várias abordagens em seus estudos, dentre elas estava uma em especial, que serve de complementação para este Trabalho, “A socialização do negro e sua situação social no Brasil no final do século XIX e início do século XX”.

E a partir daí, seguiremos a análise da Obra literária “Recordações do escrivão Isaiás Caminha”, de Lima Barreto, com o auxílio nos estudos e pesquisas desses e de outros grandes autores como, Lilia Moritz Schwarcz, Florestan Fernandes, Alfredo Bosi.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. O PÓS-ABOLIÇÃO NO BRASIL

Vários estudos realizados por pesquisadores e historiadores sobre a escravidão no Brasil têm mostrado que, mesmo depois da assinatura da Lei Áurea, sancionada e assinada pela Princesa Isabel em 1888, os negros libertos não foram, de fato, integrados às novas regras da sociedade, um exemplo disso é a questão do trabalho e da moradia. Florestan Fernandes (1920-1995), no livro, “A integração do Negro na Sociedade de Classes”, vai ao centro do problema:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. [...] Essas facetas da situação [...] imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel (FERNANDES, 2008, p. 207).

Após libertos, houve uma saída em massa dos mesmos das grandes fazendas e das casas de senhores, e sem ter para onde ir, muitos acabaram retornando aos locais onde viviam, trabalhando apenas em troca de comida e moradia, vivendo em condições sub-humanas. Já outros se aglomeraram às margens das grandes cidades, locais estes sem nenhuma infraestrutura, dando início ao que hoje conhecemos como Comunidades ou Favelas. Em um de seus escritos Nereu Correia de Sousa, um jovem escritor e jornalista da época, afirmava, de maneira bastante preconceituosa, que:

É sabido, que de quantos atentaram para os resultados dessa eversão social no Brasil, os prejuízos que acarretou ao país, econômico e socialmente, a abolição da escravatura. A sociedade brasileira do século passado não se achava suficientemente preparada para receber cerca de dois milhões de escravos, constituídos de gente inativa e inculta. E, por isso, os efeitos dessa dispersão foram, não se pôde negar, desastrosos. Sem uma preparação antecipada para enfrentar, sozinho, os destinos que lhe outorgava a lei da Princesa Imperial, o negro, entregue a si mesmo, abandonou o eito e as senzalas e dispersou-se, em massa, pelas cidades litorâneas, acoitando-se nos morros e nos subúrbios, especialmente no Rio de

Janeiro, onde vive, até hoje, na maior promiscuidade e parasitarismo. (SOUSA, 1938, p. 6).

O fato é que não houve nenhuma novidade diante da liberdade, pois os ex-escravos continuavam a exercer as mesmas formas de trabalho braçal, a maioria sem nenhuma remuneração, submetendo-se a todo tipo de exploração. Lilia Schwarcz, em seu livro “Dicionário da Escravidão e Liberdade”, relata a forma como os negros eram tratados no trabalho. Mesmo livres, segundo a autora, para eles não havia nenhuma diferença, pois, como já mencionado, eles continuaram a exercer as mesmas funções:

Não obstante as diversas interdições cotidianas, os trabalhadores escravizados construíram formas de autonomia possível antes da abolição. Para eles e seus descendentes, que conquistaram cartas de alforria ou nasceram livres antes do dia 13 de maio de 1888, a liberdade jurídica não se transformou em imediata passagem para um mundo de plenos direitos e gozos civis. Suas vidas e condições de trabalho continuaram extremamente precarizadas, faltando-lhes todo tipo de proteção legal, trabalhista e social (SCHWARCZ, 2017, p. 412).

A maioria da população negra foi deixada a própria sorte, inúmeros viviam na miséria, passando fome, chegando a abandonar os próprios filhos. Em outro trecho de seu Livro, Schwarcz ressalta que:

A cidadania política, por exemplo, era muito seletiva entre os brasileiros natos, dividindo-os pela renda – o que acabava resvalando nas marcas de cor e de gênero. Mais sorte encontravam aqueles que puderam se organizar em espaços como grupos de auxílio mútuo e irmandades católicas. Por lá, estabeleciam determinadas redes de favores, o que lhes garantia, apesar da dependência, alguma vida menos difícil (SCHWARCZ, 2017, p. 412).

Após a abolição, em 1888, não foi nada fácil para o negro conseguir se inserir na sociedade. No que diz respeito ao mercado de trabalho, este ganhou novos contornos, contudo, permaneceu, absolutamente, condicionado a pressões políticas, econômicas e a aspectos sociais excludentes, fruto de um passado sombrio que foi a escravidão.

3. ANÁLISE DOS TEXTOS

3.1. O SONHO ALMEJADO

Desde muito jovem, Lima Barreto sentiu na pele o peso do preconceito por ser pobre e negro e, diante disso, procurou descrever em seus romances e contos, através de seus personagens, suas próprias experiências de preconceito e racismo e suas dificuldades de reconhecimento e ascensão social.

Na obra “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, o protagonista Isaías Caminha que está sendo utilizado como objeto de estudo deste trabalho, nutria o desejo de sair de sua pequena cidade natal para se tornar médico na capital, Rio de Janeiro. Cheio de expectativas e confiança, ele se lembra de uma notícia que lera no diário de seu amigo Felício que havia se formado em Farmácia no Rio. “Ora o Felício! pensei de mim para mim. O Felício! Tão burro! Tinha vitórias no Rio! Porque não as havia eu de ter também — eu que lhe ensinara, na aula de português” (BARRETO, 2010, p. 22).

Em busca do tão almejado sonho, se tornar Doutor, Isaias diz a sua mãe que quer ir para o Rio, porém ela não responde, permanece quieta, mas logo sua tia diz que por ele ser tão jovem, deve buscar aconselhamento com seu tio Valentim. “Ele por sinal pergunta para que Valentim? Não sou eu um rapaz ilustrado e com cursos preparatórios?” (BARRETO, 2010, p. 29). Sua tia lhe diz que Valentim tem experiência, pois já morou no Rio. Logo, Valentim aparece e pergunta a Isaias quando ele pretende ir, e ele responde que deseja ir amanhã. Seu tio então o aconselha e em seguida o leva para conhecer o coronel Belmiro, para ver se lhe dava uma carta de recomendação, designada ao doutor Castro, um conhecido que vivia na Capital.

Chega o grande dia de sua partida e Isaias viaja de trem para o Rio de Janeiro, viagem longa e cansativa, chegando a uma das estações de trem ele desce para comer, segue em direção ao balcão e escolhe algo, paga e fica aguardando seu troco, que por sinal demora muito a receber. Ele faz uma reclamação ao caixeiro que responde com um tom de indignação e lhe pergunta “que pressa tem você? Fique sabendo que aqui não se rouba” (BARRETO, 2010). Então ele vê que ao seu lado tem outro cliente, um rapaz de pele clara e alourado que, também, reclamava e aguardava o troco, e para sua surpresa

percebe que, “prazenteiramente lhe foi entregue o troco primeiro. E com isso Isaias já sente uma enorme indignação que lhe fere por dentro, ou seja, a diferença concedida a ele e ao rapaz de pele clara.” (BARRETO, 2010).

Isso o fez ter pensamentos profundos, acompanhados de perguntas e respostas ao mesmo tempo. Qual a razão de dois tratamentos? O que havia de errado com ele? Ele mesmo se respondia, “sou um jovem, alegre, com boa aparência, corpo talhado ombros largos, e ainda que seus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante”, prosseguia ele. (BARRETO, 2010). O fato foi como um sinal de alerta do que ainda estava por vir no Rio de Janeiro.

3.2. CONTEXTO HISTÓRICO

Alfredo Bosi, autor e professor de Literatura, ao analisar o período entre 1881 e 1922, com base no romance “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, de Lima Barreto, segundo ele o livro é um dos grandes romances da literatura brasileira, ressalta que:

as recordações são fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX. A condição do mestiço humilde, interiorano, depois suburbano, e os seus percalços para integrar-se na vida da capital que se modernizava a passos largos; a rotina do jornal onde achou emprego, com toda a sua galeria de tipos beirando a caricatura; enfim, o clima de fatuidade e subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários de belle époque carioca – tudo são índices de valor documental que interessam de perto ao historiador das mentalidades de nossa República Velha (BOSI, 2002 p. 187).

Ele também buscou reviver as recordações de Isaías para “compreender como o narrador reconstruiu as imagens do seu próprio eu na sua educação para a vida adulta” (BOSI, 2002). Ele ainda prossegue falando sobre a forma como o protagonista Isaías mantinha uma admiração por seu pai, um homem sábio e inteligente que gostava de ler sobre a vida de Napoleão, e como isso lhe dava mais motivação para a realização de seu grande sonho, se tornar Doutor. Com uma “grandeza muito acima de sua condição de raça e classe, um título com prestígios e direito a anel e consideração de toda a gente” (BOSI, 2002, p. 188),

fato esse que também foi o principal motivo de sua ida ao Rio. E é lá que ele descobre que isso não é o suficiente para que seja inserido na sociedade, pois começa então a narrar suas experiências vividas numa cidade cheia de preconceito racial, injustiças e descasos em relação aos menos favorecidos na escala social.

No começo do século XX, várias classificações foram dadas às pessoas de cor: mestiço, mulato, preto, pardo, dentre outras. No romance, a palavra mais utilizada é “mulato”, porém, tanto para o autor como para seu personagem, esses tipos de classificações soavam como preconceitos racial. Vemos isso em um dos trechos do livro quando Isaias é chamado na delegacia para depor a respeito de um roubo ocorrido no hotel onde vivia:

— Raposo, vou sair: há alguma coisa?

— Nada, Capitão Viveiros.

— E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal “mulatinho”?

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso. Não sei a que me compare, não sei mesmo se poderia ter sido inteiriço até ao fim da vida; mas choro agora, choro hoje quando me lembro que uma palavra desprezível dessas não me torna a fazer chorar. (BARRETO, 1995, p. 59-60).

Lilia Schwarcz relata que, mesmo após a abolição, o preconceito racial e social só aumentava, e que a distinção entre ricos e pobres era brusca. A autora continua citando que, no final do século XIX e início do XX, essas teses sobressaíram-se ainda mais em busca de uma única cor, a “branca”.

Segundo ela:

a mestiçagem era considerada o mal por excelência a atravancar o desenvolvimento do país”. Surgiam nessa época as teses eugenistas que defendiam a imigração de brancos europeus como forma de branquear a população. Supunha-se que somente com esse branqueamento o Brasil poderia se desenvolver economicamente, e ter consolidadas em seu território as instituições democrático-liberais.

Assim, enquanto houvesse negros e mestiços, o tão almejado progresso não se completaria. (SCHWARCZ, 2017).

A vida do ex-escravo no Brasil precisava ser organizada social e economicamente, no entanto, as oportunidades para tal não lhe foram oferecidas. Diversas foram às formas de sofrimento dos negros e mulatos, contudo a questão da desigualdade os massacrou. Sem usufruir dos mesmos direitos dados às pessoas de pele clara, sem ter as mesmas oportunidades, a liberdade para eles não foi completa. “Nunca houve anos no Brasil em que os pretos [...] fossem mais postos à margem” (BARRETO).

Sobre as mudanças ocorridas pós-abolição, Florestan Fernandes também ressalta que:

Algumas localidades que apresentavam nível de produção menor, de certa forma, possibilitaram e garantiram aos negros ex-escravos e mulatos a oportunidade de um aprendizado melhor sobre as novas relações de trabalho. Contudo, mesmo assim eles encontraram graves problemas estruturais à sua frente, como: o não aceitar submeter-se a trabalhos degradantes que lhes lembrassem o passado recente da escravidão. Por outro lado, os antigos senhores de escravos não conseguiam se relacionar com ex-escravos como homens livres. (FERNANDES, 2008, p. 207).

No ambiente das cidades, assim como acontecera com o personagem Isaias Caminha, as cenas de intolerância, preconceito, aversão e marginalização se repetiam. Tudo que os negros, agora libertos, encontravam eram obstáculos, desemprego, falta de dinheiro, humilhação e fome. No Artigo de 1919, intitulado “A questão social e política no Brasil”, Rui Barbosa também expressa sua decepção para com a sociedade da época quanto à questão da libertação:

Mas que fizeram dos restos da raça resgatada os que lhe haviam sugado a existência em séculos da mais ímproba opressão? [...] Que movimento de caridade tiveram por esses destroços humanos os árbitros do bem e do mal nesta terra? [...] Cumpria às leis nacionais acudir-lhe na degradação, em que tendia a ser consumida, e se extinguir, se lhe não valessem. Valeram-lhe? Não. Deixaram-na estiolar nas senzalas, de onde se ausentara o interesse dos senhores pela sua antiga mercadoria, pelo seu gado humano de outrora. Executada assim, a abolição era uma ironia atroz. Dar liberdade ao negro, desinteressando-se, como se desinteressaram absolutamente da sua sorte, não vinha a ser mais do que alforriar os senhores. (BARBOSA, 1999, p. 375- 376).

Porém, diferente da realidade de muitos, o personagem Isaias Caminha, depois de passar por tantos acontecimentos inesperados, consegue uma oportunidade ao ser convidado por Ivan Gregoróvitch Rostóloff, um jornalista estrangeiro, para trabalhar na redação do Jornal “O Globo”. Então, um novo caminho é traçado em sua vida, e Isaiás passa a ser notado no Jornal depois do triste fato do suicídio do jornalista Floc.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escravidão foi a maior tragédia social ocorrida no Brasil. Deixando marcas que vão além das dores dos castigos físicos. Ainda hoje, vivemos fortes resquícios do descaso, do preconceito, das injustiças e da marginalização para com os negros e seus descendentes.

Para José Murilo de Carvalho:

No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressavam a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas, uma vida pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. (CARVALHO, 2004, p. 52).

Lima Barreto apresenta em seu romance os motivos que levaram o personagem “Isaias Caminha” a escrever as suas próprias recordações. Ele queria apresentar argumentos contrários às teses raciais, que surgiram na época, onde o negro era visto como inferior ao branco. Não se importando com o que lhe pudesse acontecer, ele só queria conquistar a igualdade e com isso a verdadeira liberdade, um direito que para ele seria de todos, independente da raça ou da cor. Lima Barreto, ainda faz um relato sobre sua obra, que diz:

Não é meu propósito também fazer uma obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra os inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno (BARRETO, 1995, p. 19).

O romance nos mostra, desde o começo, como o protagonista “Isaias”, se sentia feliz ao conquistar a oportunidade de deixar sua cidade natal e ir em busca da concretização de seus sonhos. Deixando a casa de seus pais, apenas com uma carta de recomendação nas mãos, ele parte sem saber o que viria pela frente. Ainda muito jovem e sem ninguém da família por perto, sozinho ele seguia para uma cidade grande, acreditando a cada segundo que logo conseguiria seu emprego, e assim o tão almejado diploma de Doutor. Ele nutria tanto essa esperança que durante sua viagem chegava até imaginar como seria sua Colação de Grau.

Lima Barreto conseguiu transmitir aos seus leitores, de uma forma histórica e bem detalhada, tudo o que ocorreu no período pós Abolição. Além de retratar os detalhes, ele sabia muito bem o que era sofrer preconceito. De família simples e mestiço, mas dono de uma capacidade incrível para escrever, o autor, infelizmente veio falecer muito jovem, com apenas 41 anos de idade, sem ter o prazer de saber que seus romances e contos fizeram e fazem sucesso até os dias atuais.

Trazendo ao público um novo olhar para Literatura Brasileira, sua escrita foi no passado é no presente e com certeza será no futuro, alvo de pesquisas e estudos, pois têm a capacidade de despertar nos leitores grandes curiosidades quanto a este e outros assuntos. Além dos romances, suas crônicas, contos e etc também são ótimas leituras. Por ter vivido esse período de pós Abolição (séc. XX), Barreto descreve com autoridade cada situação ocorrida na época, criticando uma sociedade corrupta, débil e manipuladora, falando aos que gostam e aos que não gostam de sua irreverência.

Em um período marcado pelo preconceito que despertavam indignação, não só em Lima Barreto, mas em tantos outros que viam a grande injustiça que a escravidão causara aos negros e mestiços. Assim como Joaquim Nabuco, político e principal teórico do movimento abolicionista brasileiro, que começava seus discursos no Parlamento com debates sobre projetos de libertação geral aos negros. Em defesa dos “libertos do cativeiro”, ele queria implantar a Educação a eles negada, porém embora seus projetos fossem sempre rejeitados, Nabuco permanecia firme, independente do que ocorresse ele sempre mantinha seu discurso, e em um deles estava a seguinte declaração:

“Serão estabelecidas nas cidades e vilas aulas primárias para os escravos. Os senhores de fazendas e engenhos são obrigados a mandar ensinar a ler, escrever, e os princípios de moralidade aos escravos” (NABUCO, 1880, art. 49).

O fato é que, mesmo mais de um século após a morte de Lima Barreto a mensagem de sua Obra permanece viva para o mundo, e principalmente para o Brasil, que apesar de ter a maior parte de sua população formada por negros e mestiços, ainda está longe de se estabelecer como um país detentor de uma verdadeira democracia racial, livre das mazelas que permearam sua história passada, com feridas que talvez, somente num futuro muito distante, poderão

ser sanadas. Até lá vamos torcer para que os homens parem de se digladiar e percebam que, independentemente da cor, da raça ou do credo todos somos iguais, e que no final das contas teremos o mesmo destino, o pó, pois de lá viemos e para lá tornaremos.

REFERÊNCIAS

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Dicionário da escravidão e Liberdade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Petrópolis, Vozes, 1988.

BOMFIM, Manoel. **O Brasil nação: realidade da soberania brasileira**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

FERNANDO. A Novais; ALENCASTRO, de Luiz Felipe (orgs). **História da vida privada no Brasil**, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUSA, Nereu Correia de. **A Abolição da Escravatura através da Idade Contemporânea**. A Gazeta, Florianópolis, 13 de mai. 1938, p. 6.

BARBOSA, Rui. **Pensamento e ação**; Organização e seleção de textos pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.